

O PROCESSO DA NOMINALIZAÇÃO NA ESTRUTURA SINTÁTICA DO PORTUGUÊS

Análise lingüística de construções nominais com a
preposição DE)

FRANCISCO TARCISIO CAVALCANTE

"Para o lingüista, o problema consiste em determinar, a partir dos dados da performance, o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele põe a uso na performance efetiva. Logo, no sentido técnico, a teoria lingüística é mentalista, na medida em que tem como objetivo descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento efetivo."

CHOMSKY, Noam.

"Para chegarmos a uma fiel interpretação da frase, através da descrição lingüística das verdadeiras relações entre os termos que a compõem, o melhor método de ensino do vernáculo seria o do modelo gerativo-transformacional, pela distinção proposta entre a estrutura superficial (evidenciada pela forma do sintagma) e a estrutura profunda (revelada em parte pelas relações com outras estruturas)."

BRIAN, Head F.

1. INTRODUÇÃO

Noam Chomsky desenvolveu, nos últimos vinte anos, uma teoria que realmente revolucionou os meios lingüísticos. Em *Aspects*,³ o lingüista norte-americano formulou o que hoje se conhece como Gramática Gerativo-Transformacional. Nela, as relações sintáticas entre os termos da frase são consideradas de um ponto de vista muito diferente do da gramática tradicional. Assim é que na sintaxe de uma língua há dois sistemas de regras: um *sistema de base*, com dois subcomponentes (categorial e lexical), que gera as estruturas profundas das frases, e um outro, o *sistema transformacional*, que vai converter essas estruturas — que foram geradas — em estruturas superficiais.

Há vários modelos de transformação, conforme se levam em conta as condições de aplicação, sua natureza ou os resultados que ocasiona. Podemos ter, então, transformações obrigatórias, facultativas, simples, complexas, generalizadas, singulares e outras. Todas elas são aplicadas em duas etapas: primeiro, há uma descrição estrutural (DE) das seqüências às quais elas se aplicam e, depois, a seqüência analisada sofrerá algumas modificações, o que se pode chamar de mudança estrutural (ME).

Aplicaremos ao nosso estudo a teoria de Chomsky, tal como foi explicitada por Ruwet, em sua Introdução à Gramática Gerativa.¹² Como a teoria transformacional encontra-se muito divulgada, limitar-nos-emos a descrever dois modelos de transformação, que consideramos importantes.

2. OS DOIS MODELOS DE TRANSFORMAÇÃO

2.1. A Transformação Passiva

Faz-se necessário, de início, apresentarmos algumas regras sintagmáticas que formam o componente de categorização:*

RS : F → SN + Spred

1

RS : Spred → AUX + SV

2

(*) Fizemos algumas adaptações das regras de Ruwet ao nosso estudo, como, por exemplo, a RS₁, em que colocamos a preposição *de* por

11

se tratar do conectivo que interessa ao nosso caso.

RS : SV → V_i V_t + SN

RS : SV → V ([SN] (Sprep))
[Sprep]

RS : SN → ART (ADJ) N

RS : ART → o, a, os, as, ...

RS : N → aluno, livro, cachorro, ...

RS : ADJ → pequeno, grande, bonito, ...

RS : V → dormir, cair, ...

RS : V → amar, ler, ...

RS : Sprep → de + SN

RS : AUX → Tp (Composto)

RS : Tp → [presente
[perfeito, imperfeito
[futuro

RS : Composto → [haver]
[ter] + pp

RS : Preposição → de, a, por, ...

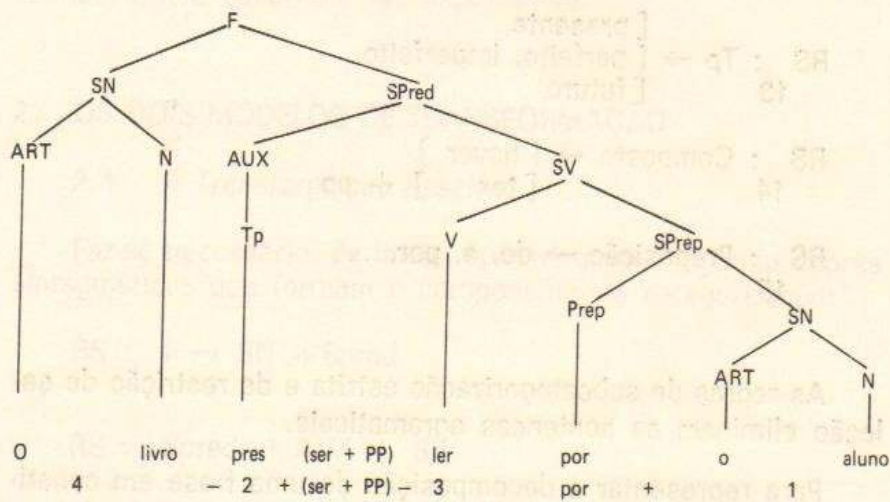
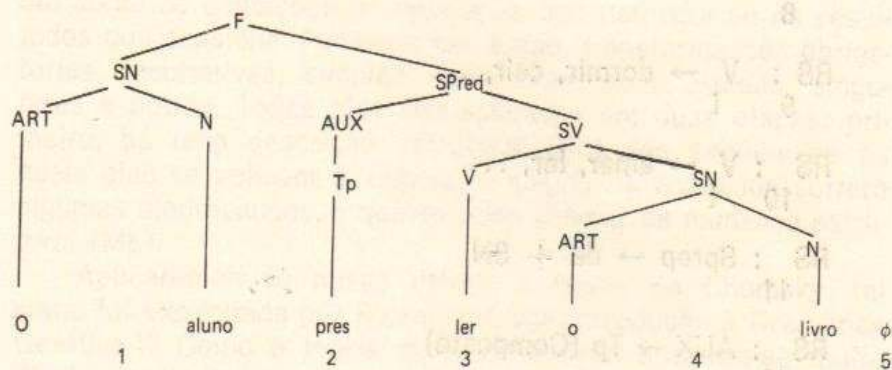
As regras de subcategorização estrita e de restrição de seleção eliminam as sentenças agramaticais.

Para representar a decomposição de uma frase em constituintes e a pertinência de seus constituintes a categorias, o modelo que adotaremos será o de Chomsky, ou seja, a forma de árvores (em inglês: branching diagram — "diagrama em ramos"). Eis a fórmula proposta por Ruwet para a passiva:

T_{passiva}:

DE SN₁ - AUX - V_t - SN₂ - X
 1 2 3 4 5
 ME 4 - 2 + (ser + PP) - 3 - {por} + 1 - 5
 {de}

Se representássemos em marcadores frasais, teríamos:



Muitas outras transformações seriam necessárias à transformação passiva, como, por exemplo, a transformação de afixo, de concordância, para que a sentença chegasse à estrutura superficial. Apresentamos apenas o essencial ao nosso trabalho.

2.2. A Transformação de Nominalização:

Ao contrário da transformação passiva, que é singular, pois só se aplica para engendrar frases passivas, a nominalização é uma transformação generalizada.

"Uma nominalização é essencialmente a conversão de uma frase em um nome ou em um sintagma nominal, e ela pode ser sempre descrita por meio de uma transformação que encaixa uma versão transformada de uma frase-constituente no lugar de um nome ou de um sintagma nominal numa frase-matriz."¹²

É preciso observar dois tipos de substantivos verbais: os nomes de *ação* — construção, lavagem, polimento etc. e os nomes de *sentimento* — amor, ódio, desejo e outros.

2.2.1. Os Nomes de Ação:

A partir de construções, como:

- (1) a) a *construção* da casa pelo engenheiro;
- b) a *lavagem* da louça pela cozinheira;
- c) o *polimento* do carro pelo empregado,

podemos notar que tais nomes são acompanhados de preposição da seguinte maneira: complemento → *de*; agente → *por*.

Ruwet formula assim a nominalização:

T Nomin VS: X — SN — Y
 1 2 3

 SN — AUX (ser + pp) — V — Prep + Z
 4 5 6 7

→ 1 — ART — 6 + NDO — *de* + 4 — 7 — 3

(Condição: 2 seja um SN inanimado indefinido, que pode ser representado por "alguma coisa").

Aplicando ao exemplo de (1 -a), teremos as seguintes operações:

1 — As regras sintagmáticas engendram a seqüência seguinte (na origem da frase-constituente):

O + engenheiro — tp — construir — a + casa;

2 — Transformação passiva:

A + casa — tp + (ser + pp) — construir —
por + o + engenheiro;

3 — Transformação de nominalização:

A — construir + NDO — de + a + casa —
por + o + engenheiro.

Em seguida, as regras morfofonológicas (como: *construir* + *NDO* → *construção*; *de* + *O* → *do* e outras) dão a forma final à frase.

Entretanto, algumas construções do português, contrariando a norma geral (complemento com *de* e agente com *por*), apresentam uma agente com *de* na estrutura superficial da frase, com nomes de ação:

(2) a construção de Pedro.

Aplicando as mesmas regras de transformação, temos:

1 — regras sintagmáticas: Pedro constrói "alguma coisa";

2 — Tpassiva: "alguma coisa" é construída por Pedro;

3 — T Nomin VS: a construção de "alguma coisa" por Pedro.

Há, portanto, a necessidade de se aplicar uma transformação singular que, a um só tempo, apague o complemento preposicionado (de "alguma coisa") e substitua por *de* certas preposições (*a*, *por* etc), quando na seqüência de certas elipses essas são levadas a um certo contacto imediato com o sintagma nominal determinado, e que Ruwet assim formula:

Tde: X + SN — de + SN — (prep — SN) — Y
1 2 3 4 5

→ 1 — 2 — ∅ — de — 5 — 6

(Condição: 2 = de + SN indefinido).

Aplicando à frase: a construção de "alguma coisa" por Pedro, teríamos a um só tempo:

- a) Elipse do complemento: a construção por Pedro;
- b) substituição da preposição: a construção de Pedro.

2.2.2. Os Nomes de Sentimento:

A partir de construções como:

- (3) a) o *amor* do homem a Deus;
- b) o *ódio* das pessoas pela guerra;
- c) o *desejo* do atleta pela vitória.

podemos verificar que o agente vem precedido da preposição *de*, e o complemento pelas preposições *a* e *por*, ao contrário do que ocorre com os nomes de ação. Ruwet apresenta uma transformação que explica as frases acima:

T NOMIN OS: X — SN — Y
 1 2 3

 SN — AUX + V — SN — (prep + SN)
 t
 4 5 6 7

→ 1 — 6 — de + 4 — 7 — 3

Aqui também algumas construções contrariam a norma geral com nomes de sentimento e são empregados com um complemento precedido da preposição *de*, como no exemplo:

- (4) o amor de Deus

derivado da construção: "alguém" ama a Deus.

Seria preciso neste caso aplicar também a transformação da preposição *de* (Tde), assim:

- 1 — Regras sintagmáticas: "Alguém" tem amor a Deus
- 2 — T Nomin OS: o amor de "alguém" a Deus
- 3 — Telipse: o amor a Deus
- 4 — Tde: o amor de Deus.

Como vimos, as transformações são operações que convertem um marcador frasal subjacente em um marcador frasal derivado.

As operações realizadas, segundo Silva Borba,¹³ são efetuadas a partir de operações como:

1 — *substituição*: troca de um elemento por outro:

- a) *Nominalização*: N substitui V → o prisioneiro fugiu = a fuga do prisioneiro;
- b) *Passiva*: SN₂ substitui SN₁ → o aluno lê o livro = o livro é lido pelo aluno.

2 — *Permuta*: mudança na ordem dos elementos:

- a) *Nominalização*: permuta de SN além de V → (N);
- b) *Passiva*: SN₁ — SN₂ — SN₂ — SN₁.

3 — *Adição*: acréscimo de certos elementos:

- a) *Nominalização*: acréscimo da preposição *de* ao SN : SN → Sprep;²
- b) *Passiva*: adição de *ser* + *pp* ao AUX e de *por* ao SN.

4 — *Supressão*: anulação dos elementos:

- a) *Nominalização*: anulação de tempo de V → a fuga do prisioneiro = o prisioneiro fugiu (foge ou fugirá);
- b) *Passiva*: facultativa, no caso de quisermos engendrar uma frase como: *o livro foi lido*, em que seria anulado: *por "alguém"*.

Podemos, enfim, concluir que o modelo transformacional retoma intuições tradicionais e permite ir além, quando chega a formular de modo sistemático fatos que até então permaneciam dispersos.

3. A CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DOS NOMES

Em seu trabalho sobre nominalizações,⁴ Chomsky chama de *nominais derivados* ("derived nominals") os substantivos originados de verbos e que sofreram, portanto, uma transformação de nominalização. Há muitos nomes, porém, que não são derivados de verbos, tais como: *casa, livro, copo* etc., pois já têm a mesma forma na estrutura profunda.

Faz-se necessária, então, uma classificação dos substantivos através de um critério semântico, para que possamos depreender-lhes o significado subjacente.

Para evitar mais uma exposição de dados com terminologias e noções exaustivas, adotaremos a nomenclatura e os conceitos de Hilda Olímpio,⁹ por se tratar de uma pesquisa bem elaborada e dentro dos princípios da teoria transformacional.*

Assim, temos:

1 — nominais de *agente*:

- (5) a) o *analista* de sistema;
- b) o *chefe* da repartição;
- c) o *gerente* de vendas.

2 — nominais de *instrumento*:

- (6) a) o *compressor* de ar;
- b) o *extintor* de incêndio;
- c) o *cortador* de grama.**

3 — nominais de *lugar*:

- (7) a) a *indústria* de móveis;
- b) o *banheiro* da casa;
- c) a *fábrica* de cimento.

4 — nominais de *ação*:

- (8) a) a *colheita* do trigo;
- b) a *plantação* do agricultor;
- c) o *pedido* do funcionário.

(*) acrescentamos o item 6 (processo mental). Também são nossos os exemplos citados.

(**) a distinção entre nominais de agente e de instrumento estaria no traço: + animado.

5 — nominais de *objeto* (resultado da ação):

- (9) a) a *lavagem* da casa;
- b) a *construção* do engenheiro;
- c) o *polimento* do carro.***

6 — nominais de *processo mental*:

- (10) a) o *ódio* dos lutadores;
- b) a *visão* da praia;
- c) o *conhecimento* do sábio.

7 — *Substantivos* não-derivados de verbos:

- (11) a) o *relógio* de ouro;
- b) a *escada* de madeira;
- c) o *álbum* de fotografias.

Resta-nos aplicar os modelos transformacionais e apontar critérios para uma análise lingüística das construções estudadas.

4. A ANÁLISE LINGÜÍSTICA DAS CONSTRUÇÕES NOMINAIS

Pelos exemplos apresentados, verificamos que os termos proposicionados exercem funções diferentes. Na realidade, a distinção entre tais funções baseia-se em conceitos lingüísticos, e não podemos deixar de considerar esses aspectos se quisermos fazer uma análise exata da estrutura da frase.

Observamos ainda que o problema reside precisamente no fato de as expressões possuírem a mesma estrutura, ou seja, há um substantivo acompanhado da mesma preposição — *de* — que rege um conseqüente.

4.1. *O Complemento Nominal*:

A frase transitiva pode compor-se dos seguintes elementos: agente + processo verbal + complemento. O verbo está,

(***) somente o contexto pode nos esclarecer sobre nominais de ação e de objeto, termos abstratos e concretos, respectivamente.

pois, implicado numa recção, isto é, pode exigir um complemento para que o processo integre-se semanticamente.

Convém lembrar ainda o papel da preposição que é ao mesmo tempo regida pelo nominal derivado e regente do sintagma preposicional.

Passemos, agora, à formulação de hipóteses.

4.1.1. *Hipótese I — Os Cognatos Verbais:*

Examinando a expressão do exemplo (8-a) — a colheita do trigo — podemos formular a seguinte hipótese: será *complemento nominal* o sintagma preposicionado (de + SN₂), desde que:

a) SN₁, que o antecede, seja um nominal derivado de verbo transitivo e, portanto, relacionado morfológicamente com um verbo que exige um complemento (colheita = colher: verbo transitivo);

b) SN₂, seja exatamente esse objeto sobre que recai o processo verbal implícito em SN₁.

c) a preposição é sempre fraca, esvaziada de sentido, como explicaremos adiante.

Como podemos ver, o complemento nominal é um termo que se integra a uma estrutura de superfície e que corresponde a um complemento verbal da estrutura subjacente. É, pois, um complemento de verbo nominalizado.*

Tomando como exemplo a construção citada (a colheita do trigo), identificaremos as seguintes operações efetuadas:**

- a) Regras sintagmáticas: "alguém" colheu o trigo
- b) Tpassiva: o trigo foi colhido por "alguém"
- c) T Nomin VS: a colheita do trigo por "alguém"
- d) Telipse (do agente): a colheita do trigo.

(*) Por isso, as gramáticas tradicionais não conseguem chegar ao âmago da questão. Elas apontam uma série de critérios que se aplicam somente à estrutura superficial, para caracterizar um problema de estrutura subjacente.

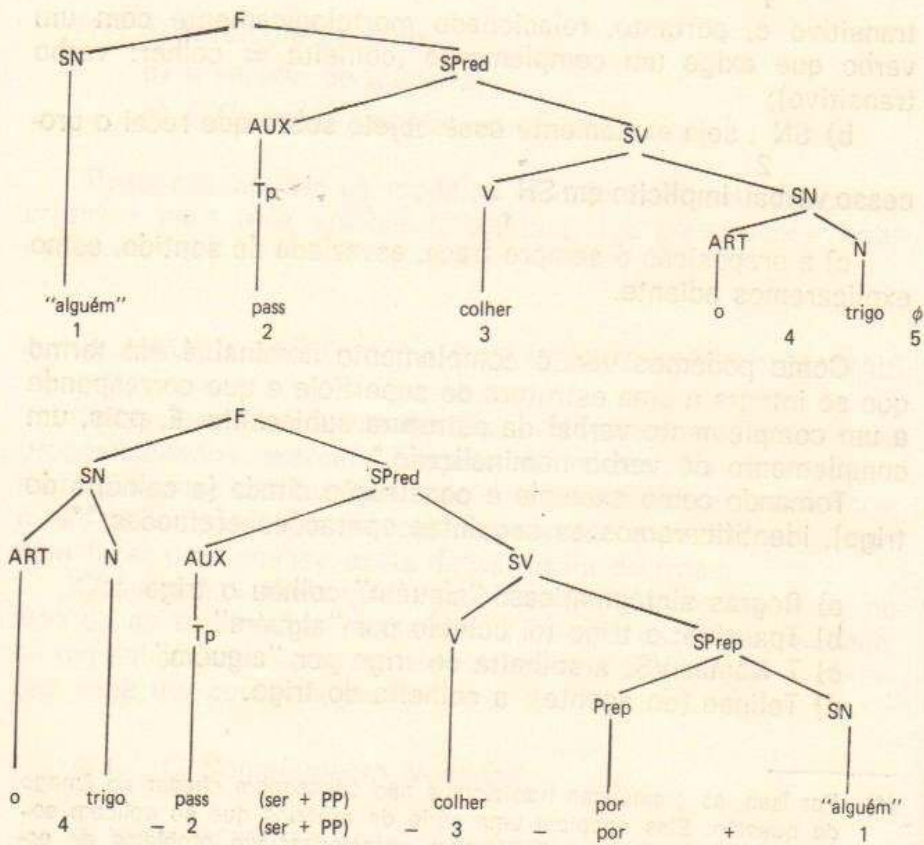
(**) Dos nomes apresentados em nossa classificação semântica, apenas os substantivos não-derivados de verbas é que não admitem uma estrutura profunda, como nos exemplos em (11).

pois, implicado numa condição, cada exigir um complemento
 to para que o verbo não se realize.
 Comem também sobre o papel da preposição para o
 mesmo verbo, pois, mesmo detendo o regente do sin-
 agma preposicional.

4.1.1. Hipótese I — Os Constituintes Verbais

Examinando a estrutura do exemplo (2) — a colheita do
 trigo — podemos tomar a seguinte hipótese: será completa-
 mente atual o seguinte preposicional (2.1.1.1) de
 que:

Representando em marcadores frasais, temos:



Entretanto, há muitas construções de português, com nomes de agente, de ação, de processo mental etc., cuja raiz verbal cognata não existe na língua, como nos exemplos a seguir:

- (12) a) o *ladrão* de carro;
b) a *sede* de vingança;
c) a *fonte* do mal.

Será preciso, então, passarmos à formulação de uma nova hipótese que possa abranger todos esses casos, uma vez que as sentenças em (12) apresentam casos típicos de complemento nominal.

4.1.2. Hipótese II — Os Verbos Abstratos:

Uma teoria transformacional tem como objetivo estudar as intuições dos falantes e suas habilidades lingüísticas, como já ficou explicado. Deste modo, partindo do exemplo:

- (13) "the author of the book",

Chomsky afirma que

*"the analysis of the head noun as a nominalized verb requires that we establish abstract verbs that are automatically subject to nominalization."*⁴

Tais verbos exigem um mecanismo de grande poder descritivo. Assim, a frase (13) seria derivada de uma estrutura como:

- (14) "the one who * auths the book",

*" * auth being postulated as a verb that is lexically marked as obligatorily subject to nominalization."*⁴

Assim é que, para Dubois,⁵ o termo *abstrato* é aplicado ao verbo que em gramática gerativa é teoricamente implicado pelas transformações de nominalização ou adjetivação, mas que não recebe uma realização morfofonológica. É o que se pode observar no seguinte exemplo do português:

(*) *ão* — sufixo aumenativo básico que serve para derivar, ainda com esta finalidade, nomes de agente, a partir de raízes verbais, segundo Mattoso Câmara. ²

(15) o *ladrão* de carro, +

em que o falante do português intui automaticamente a noção de *roubar* presente em *ladr-*, forma verbal que não se superficializou em nossa língua, e cuja estrutura profunda é:

(16) aquele que *rouba* carro,

construção que pode ser comparada com as seguintes:

- (17) a) o *comilão* de doce = aquele que *come* doce;
- b) o *tecelão* de renda = aquele que *tece* renda;
- c) o *beberrão* de cachaça = aquele que *bebe* cachaça.

Podemos citar ainda os seguintes exemplos com verbos abstratos:

- (18) a) a *saudade* da pátria;
- b) a *sede* do saber;
- c) o *remorso* do crime,

que não chegaram à estrutura de superfície, mas que encontram sinônimos em nossa língua:

- (19) a) ter *saudade* de = lembrar-se de;
- b) ter *sede* de = desejar;
- c) ter *remorso* de = arrepender-se de,

verbos igualmente transitivos. Como não existem praticamente sinônimos perfeitos, comprovamos que:

- (20) a) *saudade* = "lembrança nostálgica e ao mesmo tempo suave de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhadas do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las."
- b) *sede* = "desejo veemente."
- c) *remorso* = "arrependimento que leva à inquietação da consciência por culpa ou crime cometido."⁷

Os exemplos em (18) são, portanto, de complemento nominal.

4.1.3. Hipótese III — O Complemento Circunstancial:

Em exemplos como:

- (21) a) a vinda de Recife;
b) a fuga da prisão;
c) a chegada da Europa,

a maioria dos autores analisa a expressão preposicionada como adjunto adnominal, tendo em vista que a NGB considerou os verbos *vir de*, *fugir de*, *chegar de* como intransitivos.

Entretanto, esses verbos que indicam movimento exigem um complemento de natureza adverbial indispensável a sua construção, tanto quanto um verbo transitivo indireto. Evanildo Bechara¹ denomina-os de transitivos adverbiados e Rocha Lima¹¹ de transitivos circunstanciais, denominação que consideramos mais adequada.

Explicando o exemplo (21 -a), temos: "alguém" (agente indefinido) vem (ação de *vir*) de Recife (complemento circunstancial de lugar).

Teríamos as seguintes operações:

- 1 — Regras sintagmáticas: "alguém" vem de Recife;
- 2 — T Nomin OS: a vinda de "alguém" de Recife;
- 3 — Telipse (do agente): a vinda de Recife.

Nos exemplos acima, teríamos, então, *complemento nominal circunstancial*.

4.1.4. Observações Finais:

Apresentamos até aqui três tipos de construção:

- (22) a) a plantação do trigo;
b) a saudade da família;
c) a fuga do Egito.

Em (22 -a), temos complemento nominal com base verbal transitiva, em que o verbo nominalizado é transitivo direto, portanto, sem preposição. Temos, assim, a seguinte EP:

- (23) "alguém" plantou trigo.

Como se observa, a preposição *de* foi adicionada à estrutura superficial. Nesses casos, ela é sempre esvaziada de sentido, conforme Dubois:

*"Cet élément doit être vide de sens puisque, en théorie, les transformations n'apportent aucune modification au sens des phrases de base."*⁵

Em (22 -b), a base verbal também é transitiva, mas na EP temos um verbo transitivo indireto, porém abstrato:

(24) "alguém" se lembra da pátria.

Com verbos não-abstratos, encontramos:

- (25) a) o gosto da leitura;
b) o arrependimento da culpa;
c) a necessidade da vitória.

Em todos esses casos, o *de* apresenta-se na EP, porém, segundo o professor Rebouças Macambira,

*"a preposição que une o objeto indireto ao verbo deve ser vazia de significação por constituir apenas um elo sintático entre um e outro..."*⁸

Já em (22 -c), a preposição é sempre forte, pois se apresenta com um conteúdo semântico, indicando no exemplo *lugar de onde*, daí o complemento nominal de circunstância. Ela existe na EP como um traço de verbo, sendo, pois, uma preposição regime.

4.2. — O Adjunto Adnominal

Podemos formular algumas hipóteses para uma melhor classificação das demais expressões do tipo: SN₁ + de + SN₂.

4.2.1. — Hipótese I — O Adjunto Adverbial da EP

Observando as seguintes construções:

- (26) a) a colheita da Bahia;
b) as descobertas da Idade Média;
c) a viagem de avião,

notamos claramente que as expressões preposicionadas indicam uma circunstância de *lugar onde*, *tempo em que*, *meio pelo qual* a ação verbal foi realizada. Tomando como exemplo (26 -a), comprovaremos as seguintes operações:

- 1 — Regras sintagmáticas: "alguém" colheu "alguma coisa" na Bahia
- 2 — Tpassiva: "alguma coisa" foi colhida por "alguém" na Bahia
- 3 — T Nomin VS: a colheita de "alguma coisa" por "alguém" na Bahia
- 4 — Telipse (do agente): a colheita de "alguma coisa" na Bahia
- 5 — Telipse (do objeto): a colheita na Bahia
- 6 — Tde: a colheita da Bahia.

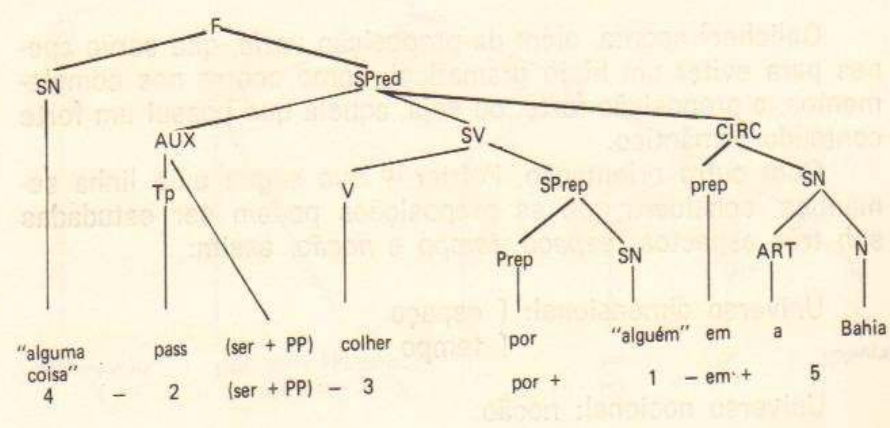
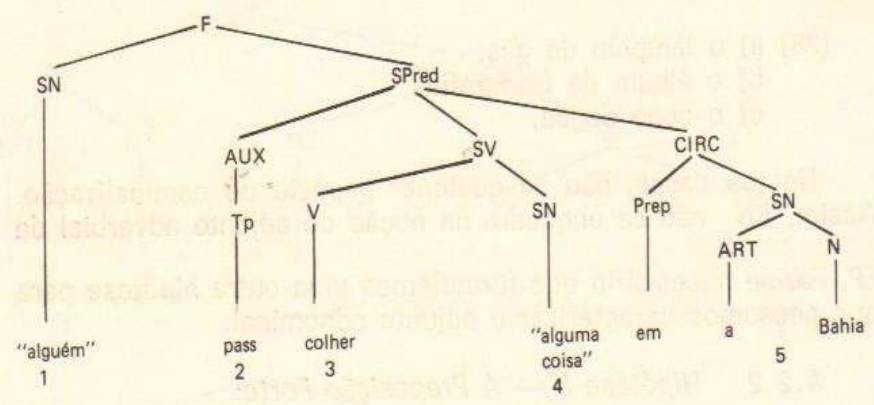
Definimos então o seguinte esquema como um sintagma preposicionado de tipo de + SN, que indica uma circunstância de qualquer natureza, seja ela de tempo, lugar ou modo. Assim, qualquer sintagma preposicionado de qualquer natureza, seja ele de tempo, lugar ou modo, é um sintagma preposicionado de tipo de + SN.

Se acrescentarmos algumas regras, como:

RS₁₆: SPred → AUX + SV (CIRC)

RS₁₇: CIRC → SPrep (lugar onde) (tempo) ...

representaremos, assim, em marcadores frasais:



Definiremos, então, o *adjunto adnominal* como um sintagma preposicionado do tipo: de + SN², que indica uma circunstância qualquer numa estrutura subjacente, em que SN¹ é um nominal derivado. É o que a gramática tradicional denomina de adjunto adverbial.

Muitos outros exemplos poderiam ser citados, tais como:

- (27) a) a morte de fome;
b) a resolução de boa vontade;
c) o combate de morte,

que estão indicando *causa, modo e conseqüência*, respectivamente.

Entretanto, encontramos uma série de construções em que SN¹ não é um nominal derivado, como por exemplo:

- (28) a) o lampião de gás;
b) o álbum de fotografias;
c) o copo d'água.

Nestes casos, não há qualquer espécie de nominalização. Assim, SN² não se enquadra na noção de adjunto adverbial da

EP. Faz-se necessário que formulemos uma outra hipótese para que possamos caracterizar o adjunto adnominal.

4.2.2. Hipótese II — A Preposição Forte:

Galichet⁶ aponta, além da preposição *vazia*, que serve apenas para evitar um hiato gramatical, como ocorre nos complementos, a preposição *forte*, ou seja, aquela que possui um forte conteúdo semântico.

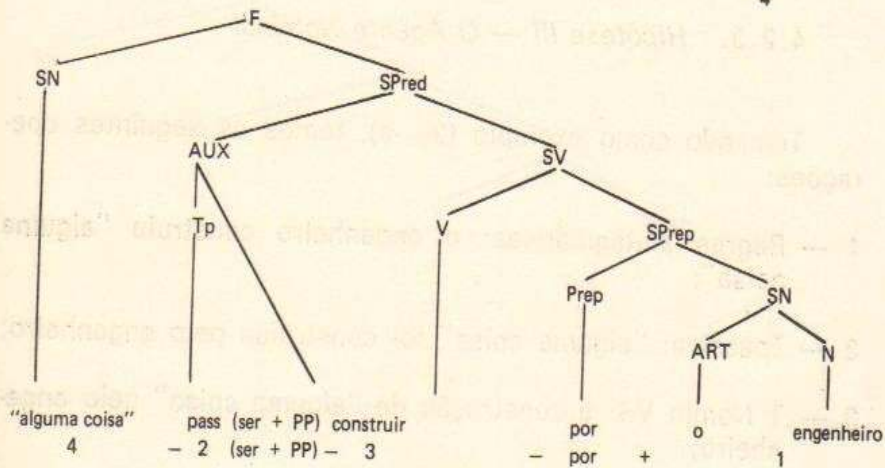
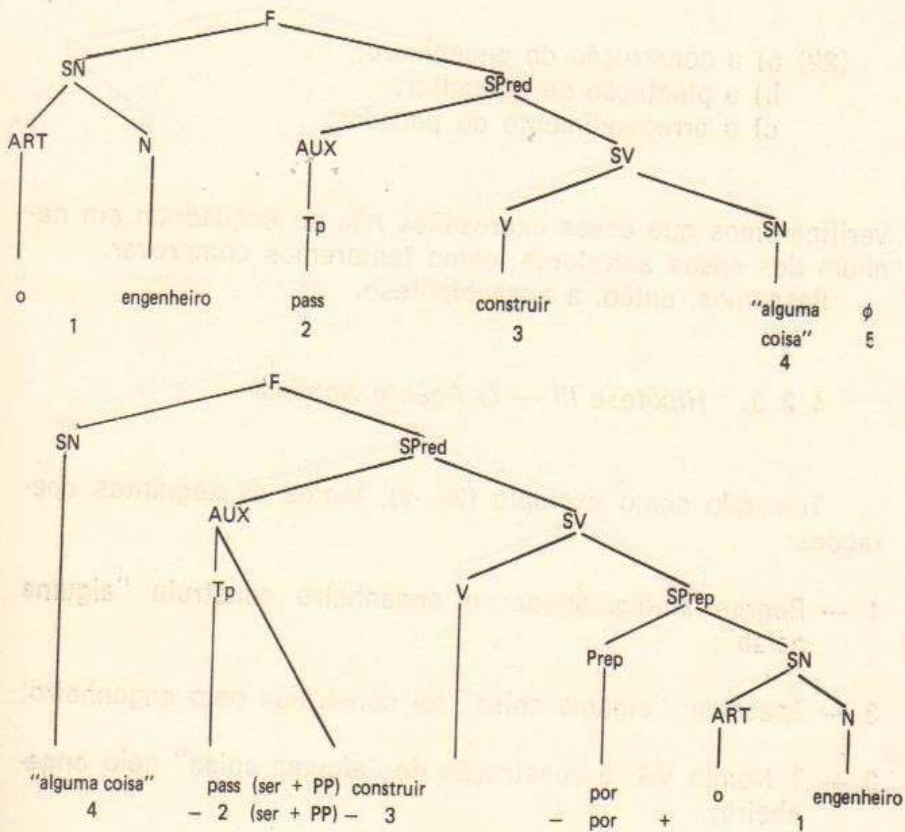
Com outra orientação, Pottier,¹⁰ que segue uma linha semântica, considera que as preposições podem ser estudadas sob três aspectos: *espaço, tempo e noção*, assim:

Universo dimensional: { espaço
{ tempo

Universo nocional: noção.

Em (28), temos as seguintes noções indicadas pela preposição: (28 -a): força geratriz; (28 -b): finalidade; (28 -c): con-

Representando em marcadores frasais, teremos:



teúdo, todas evidenciadas pelo *de*, que nas línguas românicas pode substituir muitas preposições, como: *a, para, com* etc. Assim, é praticamente impossível citar todos os casos em que ela se apresenta e que, para Sousa da Silveira, somente

*"... a prática da língua, a leitura e o estudo dos autores modelares e as indicações de um bom dicionário farão conhecer."*¹⁴

Podemos concluir que os exemplos da hipótese anterior estão aqui incluídos, pois a preposição introduz uma circunstância de lugar, tempo, modo etc., tendo assim participação no próprio conteúdo semântico da expressão.

No entanto, se observarmos os exemplos seguintes:

- (29) a) a construção do engenheiro;
- b) a plantação do agricultor;
- c) o arrependimento do pecador,

verificaremos que essas expressões não se enquadram em nenhum dos casos anteriores, como tentaremos comprovar.

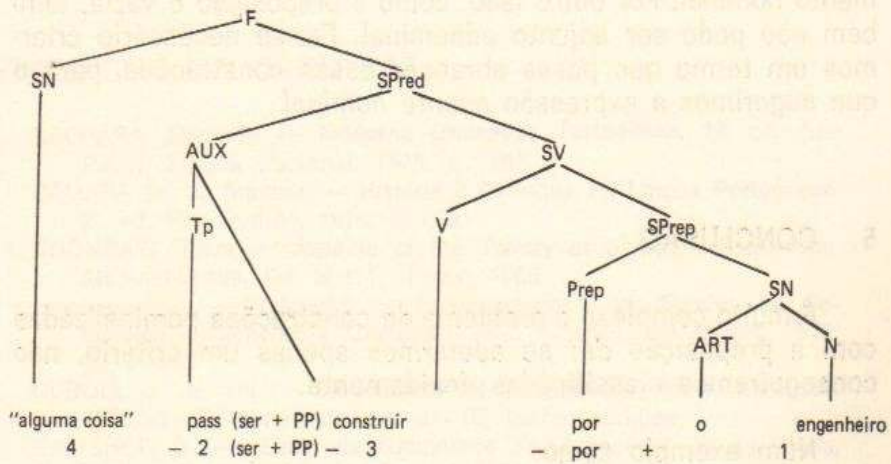
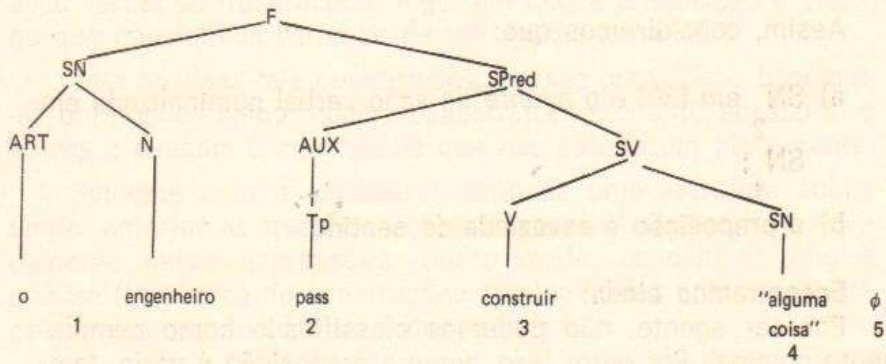
Passemos, então, a nova hipótese.

4.2.3. *Hipótese III — O Agente Nominal*

Tomando como exemplo (29 -a), temos as seguintes operações:

- 1 — Regras sintagmáticas: o engenheiro construiu "alguma coisa";
- 2 — Tpassiva: "alguma coisa" foi construída pelo engenheiro;
- 3 — T Nomin VS: a construção de "alguma coisa" pelo engenheiro;
- 4 — Telipse (do objeto): a construção pelo engenheiro;
- 5 — Tde: a construção do engenheiro.

Representando em marcadores frasais, teremos:



Com verbos intransitivos, encontramos:

- (30) a) a chegada do médico;
b) a fuga do bandido;
c) a viagem do presidente,

cujas EPs seriam:

- (31) a) o médico chegou;
b) o bandido fugiu;
c) o presidente viajou.

Assim, concluiremos que:

- a) SN em (30) é o *agente* da ação verbal nominalizada em
SN²;
1
b) a preposição é esvaziada de sentido.

Encontramos ainda:

Por ser agente, não podemos classificá-lo como complemento nominal. Por outro lado, como a preposição é vazia, também não pode ser adjunto adnominal. Faz-se necessário criarmos um termo que possa abranger essas construções, para o que sugerimos a expressão *agente nominal*.

5. CONCLUSÃO

É muito complexo o problema de construções nominalizadas com a preposição *de*; se adotarmos apenas um critério, não conseguiremos classificá-las devidamente.

Num exemplo como:

- (32) a construção do Mário Filho,

descobriremos três EPs, a saber:

(33) "alguém" construiu o *Mário Filho*.

Com referência ao estádio do Maracanã, notamos que a expressão sublinhada é complemento verbal de *construir*, e a preposição na construção nominal, esvaziada de sentido. Logo, em (32) há *complemento nominal*.

(34) "alguém" construiu "alguma coisa" no *Mário Filho*.

Aqui, ainda com relação ao estádio do Rio de Janeiro, há um adjunto adverbial da EP, com a preposição forte indicando lugar, o que caracteriza o *adjunto adnominal* em (32).

Por fim, teríamos:

(35) O *Mário Filho* construiu "alguma coisa".

Neste caso, referimo-nos ao jornalista esportivo, agente da ação verbal da frase acima; logo, em (32) a preposição é vazia, do que concluímos tratar-se de um *agente nominal*.

Para analisar tais construções, nossas gramáticas baseiam-se em noções como: concreto/abstrato, integrante/acessório e outras e chegam a conclusões que não satisfazem plenamente.

Somente com o estabelecimento de uma estrutura subjacente, anterior às transformações, é possível analisarmos devidamente essas expressões. Deste modo, concluímos que a análise lingüística de construções nominalizadas com a preposição *de* é antes de tudo de ordem semântica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECHARA, Evanildo — *Moderna Gramática Portuguesa*. 19. ed. São Paulo, Editora Nacional, 1975, p. 207.
2. CÂMARA Jr., J. Mattoso — *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, 2. ed. Rio, Padrão, 1976, p. 266.
3. CHOMSKY, Noam — *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts, the M.I.T. Press, 1965.
4. ——— — "Remarks on Nominalization", In: *Studies on Semantics in Generative Grammar*. Paris, Mouton, the Hague, 1972. p. 11-61.
5. DUBOIS, J. et alii — *Dictionnaire de Linguistique*. Paris, Larousse, 1973, p. 2, termo: abstrait; p. 10, termo: addition.
6. GALICHET, G. — *Essai de Grammaire Psychologique*, 2. éd. Paris, Presses Universitaires de France, 1950, p. 46 a 51.
7. HOLLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, (4.^a impressão), Rio, Nova Fronteira, 1975.
8. MACAMBIRA, J. Rebouças — *A Estrutura Morfo-Sintática do Português*, 2. ed. São Paulo, Pioneira, 1974, p. 242.

9. OLÍMPIO, Hilda Oliveira — **As Construções Nominais do Português**, (Tese de Mestrado), PUC/RJ, 1977, p. 28 a 33.
10. POTTIER, Bernard — **Linguística Moderna y Filología Hispánica**, (versión de M. Blanco Álvarez) Madrid, Gredos, 1968, p. 145.
11. ROCHA LIMA, C. H. da — **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**, 17. ed., Rio, Liv. José Olímpio Editora, 1974, p. 309.
12. RUWET, N. — **Introdução à Gramática Gerativa**, (Tradução e adaptação de Carlos Vogt), São Paulo, Perspectiva, 1975, p. 106; p. 188.
13. SILVA BORBA Fco, da — **Fundamentos da Gramática Gerativa**, Petrópolis, Vozes, 1976, p. 47/48.
14. SOUSA DA SILVEIRA, A. F. de — **Sintaxe da Preposição DE**, Rio, Organizações Simões (CELP), 1951, p. 82.